

de grande circulação, entre eles *Folha de São Paulo*, *Zero Hora*, *O Globo* e *Correio Brasileiro*. Numa parte dedicada à leitura sociológica dos anúncios ficamos sabendo que o tipo de prostituição tratada no livro mobiliza concepções de larga circulação no imaginário do brasileiro, a saber: atração pelo proibido, reserva/discrição para as coisas do sexo, proeminência do masculino no relacionamento sexual, valorização da beleza e da juventude, validação simbólica de status (a procura por um serviço que tem por público-alvo os executivos e indivíduos "Classe A" seria uma maneira de validar uma condição social em ascensão). Todos esses fatores agem como atributos positivos.

À imagem do prestador de serviços sexuais está associado também um conjunto de atributos negativos. Talvez não tenhamos a existência de um estereótipo cristalizado, mas, sem sombra de dúvidas, observamos a sedimentação de preconceitos e ojerizas muito recorrentes. Os nomes adotados por esses grupos desempenham a tarefa de associá-los àqueles atributos positivos. Servem como aliados na neutralização da negatividade envolvida nessas atividades. De maneira dramática, esses nomes apontam para a construção de novas identidades sociais. Sérgio Alves Teixeira nos mostra o quanto os nomes próprios são expressivos de idéias, sentimentos, representações e visões de mundo. Eles operam como poderosos instrumentos de identificação subjetiva. Compreender o conteúdo simbólico e as intenções dissimuladas que carregam pode ser uma aventura instigante, a começar pelo título deste livro.

Mott, Luiz. *Rosa Egípcíaca. Uma santa africana no Brasil*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil S.A., 1993, 749 páginas.

Aracy Lopes da Silva  
Professora do Departamento de Antropologia/USP

Ao fim das mais de setecentas páginas que compõem este livro, o leitor sente dificuldade em separar-se dele. Trata-se de obra que apresenta extensa e minuciosa pesquisa historiográfica conduzida com um olhar que mescla a Antropologia e a História em doses justas. O tema é original e fascinante: a biografia de uma menina africana trazida ao Brasil aos seis anos de idade como escrava que, depois de deflorada pelo senhor e vendida à mãe de Frei Santa Rita Durão, torna-se, nas Minas Gerais dos setecentos, prostituta e, mais adiante, energúmena. Possessa pelo demônio controlado às custas de freqüentes sessões de exorcismo, abandona a prostituição, torna-se beata, obtém a alforria e, num crescendo, passa a ter as visões e as experiências místicas características das santas canonizadas pela Igreja Católica. Perseguida em Minas, onde dúvidas a respeito da autenticidade de seu estado a levaram ao pelourinho e à prisão, foge para o Rio de Janeiro onde é, primeiro, reco-

nhecida como santa e, depois, perseguida e presa, em 1763, como embusteira e herege pelos oficiais da Santa Inquisição. Na fase inicial de sua vida no Rio, fôra acolhida e valorizada pelo clero local, com cujo apoio fundara, em 1754, o Recolhimento de Nossa Senhora do Parto, onde viveria, com pequeno intervalo, até sua prisão. Os últimos anos de sua vida, passa-os em Lisboa, junto ao Tribunal do Santo Ofício. Até a publicação deste livro, sua existência era desconhecida. Conhecemos agora muito de sua vida mas pouco sobre sua morte. Como diz o autor: "Por mais de dois séculos, Rosa Egípcíaca ficou esquecida, sua vida fantástica e obra prodigiosa completamente desconhecidas dos historiadores ou de quem quer que seja. Resgatamos sua história. O fim de seus dias, contudo, continuará envolto em mistério" (p. 723).

O material central pesquisado por Mott, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, são os processos inquisitoriais relativos a Rosa Egípcíaca da Vera Cruz e ao seu exorcista, confessor e capelão do Recolhimento, Padre Francisco Gonçalves Lopes, que a acompanhou desde as primeiras manifestações de possessão, ainda em Minas. O texto, no entanto, conta com significativa pesquisa complementar no mesmo arquivo e em outras fontes que permite ao autor recriar o ambiente mineiro e carioca dos setecentos com respeito, especialmente, à presença da Igreja em suas relações com a sociedade mais ampla.

A pesquisa, primorosa, é transposta para o texto em estilo tal que, apesar da carga sólida de informações, a leitura é leve e extremamente agradável. Duas observações devem ser feitas a esse respeito: primeiro, a organização interna do livro, em vinte e seis pequenos capítulos seguidos das notas respectivas, enfocando temas específicos, facilita a tarefa da leitura de texto tão extenso, dando-lhe agilidade e dispondo as informações de modo a torná-las assimiláveis e compreensíveis; depois, o estilo "radial" de interpretação e contextualização da história de Rosa – linear por ser biográfica – torna o livro um tesouro de outras muitas histórias, que dão à leitura interesse e sabor especiais.

Assim, a cada etapa da vida de Rosa Egípcíaca, os fatos contidos no processo inquisitorial são tornados significativos e inteligíveis por uma pesquisa complementar através da qual Mott recria contextos e momentos. É assim, por exemplo, com a questão da prostituição de escravas no século XVIII, em Minas; com as visões místicas de Rosa, que Mott examina à luz da comparação com registros das experiências de santas católicas consagradas, como Santa Teresa D'Ávila, entre muitas outras; com a adoção do nome de "Egípcíaca da Vera Cruz", por Rosa, no momento de sua conversão. Neste caso, Mott reconstitui um campo de referências essencial para a compreensão da trajetória de sua biografada: localiza, registra e interpreta não só dados da vida de Santa Egípcíaca, a primeira, em quem inspirou-se Rosa em sua nomeação, tomando-a por exemplo, como também os caminhos possíveis pelos quais as informações sobre aquela santa e o culto a ela pudessem ter chegado à escrava alforriada no Brasil. Ao fazê-lo, como em muitas outras partes do livro, Mott traça um retrato vívido das ordens religiosas, suas relações recíprocas e sua atuação no Brasil colonial.

Cabe ainda, por exemplar, uma última referência ao estilo "radial" de apresentação dos dados complementares que ancoram o relato da vida de Rosa: sua chegada ao Rio de Janeiro, fuga de Minas em busca do reconhecimento de sua santidade, é tratada por Mott com cuidadosa ambientação. O Rio de 1751 é retratado com base em pesquisa de relatos de testemunhas da época. A pesquisa permite ao leitor não só dispor de imagens visuais muito nítidas e significativas dos aspectos físicos, urbanos, econômicos e sociais do Rio, mas também da presença de uma religiosidade extrema que permeava o cotidiano de seus habitantes. Sem essa digressão, certamente seria mais difícil para o leitor compreender, em sua plenitude, as razões dos acontecimentos posteriores na vida de Rosa.

Em trabalhos anteriores, Mott por vezes exagerou, segundo minha apreciação, na dose de subjetivismo com que conduziu as análises. Os dados, nesses casos, estavam quase submersos ou eram apresentados com um colorido militante demasiadamente forte que ofuscava a própria importância do dado coletado. (Digo isso apesar de estar plenamente de acordo com a existência de uma dimensão política inerente ao trabalho do antropólogo. O que caberia debater seriam os modos pelos quais é possível ou desejável articular tal preocupação à pesquisa propriamente dita no momento da construção do texto. Mas este não é, certamente, o lugar para fazê-lo...)

Neste *Rosa Egípcia. Uma santa africana no Brasil*, porém, Luiz Mott trabalha com sua subjetividade de modo tal que o texto se revela, ao mesmo tempo, como relato sobre o passado e pesquisa no presente: o leitor conhece a história de Rosa e também a da pesquisa e, ainda, o próprio pesquisador, que se apresenta com suas emoções, suas experiências e com várias tiradas críticas muito bem-humoradas ao misticismo exacerbado de Rosa e seus seguidores ou analisando criticamente as reações oficiais a Rosa: "Audácia de uma ex-escrava africana pretender ensinar a cristãos-velhos os caminhos da salvação" (p. 708). Tudo isso em uma medida justa, que permite vários níveis de leitura e informação e a expressão de múltiplas perspectivas e muitas vozes, fazendo deste livro uma grande obra.

Farage, Nádia. *As muralhas dos sertões: os povos indígenas no Rio Branco e a colonização*. São Paulo, Paz e Terra/ANPOCS, 1991, 197 páginas.

Waldenir Bernini Lichtenthale<sup>1</sup>  
Aluno de Grad. do Curso de Ciências Sociais/USP

Em *As muralhas dos sertões*, Nádia Farage realiza um acurado trabalho de interpretação, a partir de fontes documentais, do processo de colonização da região amazônica, em particular do Rio Branco.